

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i22.554>

***FOTOGRAFIA E ALTERIDADE FEMININA NA LITERATURA COLONIAL ESCRITA POR ALEMÃS<sup>1</sup>***

***PHOTOGRAPHY AND FEMALE OTHERNESS IN THE COLONIAL LITERATURE BY GERMAN WOMEN WRITERS***

***FOTOGRAFÍA Y ALTERIDAD FEMENINA EN LA LITERATURA COLONIAL ESCRITA POR MUJERES ALEMANAS***

ANA CAROLINA SCHVEITZER

Mestre em História/Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

[carol\\_schveitzer@hotmail.com](mailto:carol_schveitzer@hotmail.com)

**Resumo:** O colonialismo alemão foi uma experiência de poucas décadas, de 1884 a 1914. Neste período, o desenvolvimento da tecnologia fotográfica, como a invenção e difusão da máquina portátil, possibilitou a propagação e o uso de fotografias nas colônias europeias em África. Logo, diferentes imagens sobre estas regiões foram produzidas e circularam em contexto colonial, promovendo um conhecimento visual a respeito do continente africano. Esta pesquisa tem por objetivo analisar de que modo as imagens de mulheres africanas foram mobilizadas para a construção do conhecimento visual nos anos de colonialismo. Para tanto, foram analisadas fotografias publicadas na literatura colonial escrita por mulheres alemãs. O estudo do circuito social dessas fotografias permitiu refletir acerca da alteridade feminina em contexto colonial alemão

**Palavras-chave:** Colonialismo alemão. Conhecimento visual. Mulheres.

**Abstract:** The German colonialism was an experience of a few decades, from 1884 to 1914. In this period, the development of photographic technology, as well as the invention and spread of the portable machine, enabled the diffusion and the use of photographs in the European colonies in Africa. Consequently, different images of the regions were produced and circulated into the colonial context, providing a new visual knowledge of the African continent. This research aims to analyse how the images of African women were used for the construction of this visual knowledge during the period of colonialism. Therefore, it's been analysed photographs which were published into the colonial literature written by German women. The study of the social circuit of these photographs made it possible to reflect on the female otherness inside the German colonial context.

**Keywords:** German colonialism. Visual knowledge. Women.

**Resumen:** El colonialismo alemán fue una experiencia de pocas décadas, de 1884 a 1914. Durante este período, el desarrollo de la tecnología fotográfica, como la invención y difusión de la máquina portátil, permitió el uso de las fotografías en las colonias europeas en África. Por lo tanto, diferentes imágenes de estas regiones fueron producidas y distribuidas en el contexto colonial, proporcionando un conocimiento visual del continente africano. Esta investigación propone analizar cómo las imágenes de las mujeres africanas fueron movilizadas para la construcción del conocimiento visual en los años de colonialismo. Así, fueron seleccionadas y analizadas las fotografías publicadas en la literatura colonial escrita por mujeres alemanas. El estudio del circuito social de estas fotografías permitió reflexionar sobre la alteridad femenina en el contexto colonial alemán.

**Palabras clave:** Colonialismo alemán. Conocimiento visual. Mujeres.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em junho de 2016 e aprovado para publicação em novembro de 2016.

Entre os 1884 a 1914, a Alemanha logrou colônias no continente africano. Em comparação com os impérios coloniais franceses ou britânicos, o império do II Reich estava atrasado na corrida imperial, visto que adquiriu a maior parte de seus territórios coloniais entre 1884 e 1885. A curta duração do império colonial alemão não impediu que diferentes sujeitos se engajassem no projeto pangermanista e viajassem para o continente africano<sup>2</sup>. Um exemplo disto é a quantidade de imigrantes, que em 1912 pode ser considerada bastante representativa. Neste ano, havia cerca de 22 mil “brancos” nas colônias alemãs, sendo estes: 14.816 no Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia), 4.886 na África Oriental Alemã (atual Tanzânia e parte do Burundi), 1.537 no Camarões e 345 no Togo<sup>3</sup>.

Concomitante aos anos de colonialismo alemão, ocorreu a ampliação e o desenvolvimento da tecnologia fotográfica. Em 1889, a invenção e difusão da câmera portátil possibilitaram a propagação e o uso de fotografias nas colônias europeias em África<sup>4</sup>. Desta maneira, as diferentes imagens produzidas neste contexto promoveram um conhecimento visual acerca do continente africano. Além de imagens sobre as paisagens, a fauna e a estrutura das colônias, também os seus habitantes foram focos das câmeras durante o período. O estudo do circuito social dessas fotografias permite compreender acerca das imagens como produtos do colonialismo, o que motivou uma economia visual colonial.

Entre os veículos de difusão da imagem fotográfica nos anos de colonialismo alemão, pode-se apontar ao menos três: a imprensa ilustrada, que possuía uma produção significativa desde meados do século XIX; os cartões postais, que na virada do século foram objetos de consumo de massa devido a seu baixo custo e variedade de uso (lembrança, souvenir ou comunicação); a literatura colonial, que era produzida tanto por viajantes quanto por exploradores e imigrantes. Este trabalho tem por escopo discutir acerca das imagens

---

<sup>2</sup> Sobre as ideias pangermanistas e o conceito de pangermanismo ver: BREPOHL, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo -1880-1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010; Id. Os pangermanistas na África: inclusão e exclusão dos nativos nos planos expansionistas do império, 1896-1914. *Revista Brasileira de História* (Online), v. 33, p. 13-29, 2013.

<sup>3</sup> Importante ressaltar que o termo branco não é sinônimo de alemão. Nas colônias alemãs em África, a população considerada “branca” era composta também por britânicos, bôeres. SMITH, Woodruff D. *The german colonial empire*. University of North Carolina Press, 1978, p. 51.

<sup>4</sup> Em agosto de 1884, os norte-americanos George Eastman e William Walker solicitaram a patente do filme de rolo, tornando a fotografia um objeto mais acessível ao público de amadores. Até aquele momento, o fazer fotográfico estava restrito a profissionais, isto é, eram poucos aqueles que se prestavam a carregar os aparatos necessários para produzir uma fotografia. Em alguns anos foi possível substituir as chapas de vidro por películas de rolo de nitrocelulose, que tornou o processo fotográfico mais simples e prático. Com o anúncio “*You press the button, we do the rest*”, a empresa de Eastman, a Kodak, colocou a câmera portátil no mercado em 1888. Conforme: FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia, usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1991.

vinculadas ao terceiro veículo: a literatura colonial. Busca-se enfatizar a alteridade feminina a partir deste veículo de circulação. Para tanto, selecionar-se-á as publicações produzidas por alemãs que abordam as mulheres africanas nas fotografuras impressas em suas obras.

### **A experiência colonial escrita por mulheres**

Os estudos acerca do colonialismo em África há muito já discutem que a experiência colonial não foi exclusiva dos homens, visto que mulheres receberam diferentes incentivos para viajar ao continente africano e também engajaram-se nos projetos coloniais. Em suas novas moradias, além de se deparar com a nova paisagem, encontravam outros sujeitos e uma outra forma de relação estabelecida pelo contexto colonial. Um número considerável de mulheres alemãs escreveu sobre suas experiências em solo africano e publicou seus escritos ainda naquele período. Algumas, inclusive, tiveram suas obras bastante divulgadas durante aqueles anos, como, por exemplo, Frieda von Bülow (1857-1909) e a baronesa Adda von Liliecron (1844 -1913)<sup>5</sup>.

Para a historiadora Lora Wildenthal, Bülow foi a mulher mais conhecida no movimento colonial alemão, antes da Primeira Guerra Mundial<sup>6</sup>. Isto se deve aos temas entrelaçados em suas obras, abarcando desde as colônias alemãs à industrialização da Alemanha. Incluindo as dificuldades das mulheres da nobreza prussiana, da burguesia e o conflito racial nas políticas coloniais. Sua preocupação estava, sobretudo, em esculpir um lugar para as mulheres no projeto colonial do II Reich, interesse compartilhado pelas associações nas quais a própria Bülow se envolveu e por outras mulheres. A baronesa Adda von Liliencron (1844 -1913) também teve copiosa bibliografia publicada. Embora nunca tenha ido às colônias, suas publicações se tornaram importantes instrumentos para difusão das

---

<sup>5</sup> No que tange ao uso da literatura como fonte histórica para o estudo da experiência colonial alemã, as pesquisas acerca das publicações de Frieda von Bülow (1857 – 1909) são as mais expressivas. Para citar alguns exemplos: HAMMERSTEIN, Katharina von. Einleitung zu Frieda von Bülow: ‘Eine unblutige Eroberungsfahrt an der ostafrikanischen Küste’ und ‘Allerhand Alltägliches aus Deutsch-Ostafrika. In: HEYDEN, Ulrich van der (Hg.). *Kolonialer Alltag in Ostafrika in Dokumenten*. Berlin: trafo (Im Druck), 2007. KLOTZ, Marcia. *White women and the dark continent: gender and sexuality in German colonial discourse from the sentimental novel to the fascist film*. Dissertation (Ph.D.)- Stanford University, 1994; LAURIEN, Ingrid. ‘A Land of Promise?’ Autobiography and Fiction in Frieda von Bülow’s East-African Novels. In: MALTZAN, Carlotta von (Hg.) *Africa and Europe: encountering myths*. Essays on literature and cultural politics. Frankfurt am Main. New York: P. Lang, 2003.

<sup>6</sup> WILDENTHAL, Lora. When men are weak: the imperial feminism of Frieda von Bülow. *Gender & History*, v. 10, n. 1, p. 53 – 77, 1998.

ideias compartilhadas pela autora acerca da participação das mulheres no projeto colonial alemão. Importante ressaltar que a baronesa Liliencron foi a primeira presidente da Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã (*Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*)<sup>7</sup>. Entre os anos de 1904 e 1912, Liliencron publicou ao menos doze obras, entre livros, poemas, coleções de cartas, que versam acerca da colônia do Sudoeste Africano Alemão e a Guerra Colonial contra o grupo *Herero*.

A literatura colonial alemã escrita por mulheres não teve participação apenas daquelas que estiveram vinculadas às instituições, como Bülow e Liliencron<sup>8</sup>. Faz-se candente evidenciar as publicações destas autoras devido à popularidade que tiveram. Mesmo na atualidade, estas são as escritoras mais conhecidas e estudadas quando se trata de pesquisas que versem sobre a literatura colonial. Porém, a produção literária colonial foi ampla e contou com a escrita de diferentes autoras.

Em 1913, Leonore Niessen-Deiters (1879-1939) publicou o livro intitulado “*Die deutsche Frau im Auslande und in den Schutzgebieten*” (a mulher alemã no exterior e nos protetorados), com a finalidade de criar um levantamento da atuação das alemãs nos territórios estrangeiros e nas colônias<sup>9</sup>. Dividido por regiões geográficas, o livro reuniu os espaços de trabalho e de organização destas mulheres. Assim como em outras publicações do período, esta ressaltou a atuação das alemãs como missionárias, enfermeiras, educadoras e trabalhadoras domésticas. No entanto, ao tratar do protagonismo feminino na colônia do Sudoeste Africano Alemão, Leonore Niessen-Deiters destacou a literatura escrita por mulheres sobre aquela região. Segundo ela, “Sudoeste é a única colônia sobre a qual já existe uma série de livros de autores do sexo feminino”. Niessen-Deiters ainda dividiu estas obras em categorias, por considerar que continham percepções diferentes. De certo modo, esta

---

<sup>7</sup> A *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft* (Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã) foi talvez o exemplo mais elucidativo desse engajamento e da busca pelo protagonismo das mulheres alemãs no projeto pangermanista do II Reich. Desde a sua fundação, em setembro de 1907, a *Frauenbund* buscou atuar através de ações e conselhos para auxiliar a ida de alemãs que tivessem interesse de se estabelecer nas colônias. Entre 1907 e 1914, a Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã publicou uma revista de cariz colonial intitulada “*Kolonie und Heimat in Wort und Bild*” (Colônia e Pátria em Palavra e Imagem). Diversas foram as colaboradoras deste periódico, que além de ser vendido na Alemanha, era enviado para suas colônias em África.

<sup>8</sup> Frieda von Bülow auxiliou na criação da *Evangelische Missionsgesellschaft für Deutsch-Ostafrika* (Missão Evangélica para a África Oriental Alemã) e depois na *Deutsch-nationalen Frauenbundes für Krankenpflege in den Kolonien* (Liga nacional das mulheres alemãs para a enfermagem nas colônias). Liliencron, conforme comentado, teve papel importante na *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft* (Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã).

<sup>9</sup> NIEßEN-DEITERS, Leonore. *Die deutsche Frau im Auslande und in den Schutzgebieten*. Berlin: Egon Fleischel & Co, 1913. 315 p.

divisão supõe uma heterogeneidade. Ao todo foram identificados quatro pontos de vista: missionário, político e oficial, imigrante, de observação ou de espectador.

A listagem e apontamentos feitos por Leonore Niessen-Deiters em seu livro possibilitam tecer algumas considerações acerca da escrita feminina em contexto colonial alemão. Ao destinar um trecho de seu levantamento para tratar da literatura produzida por mulheres, Niessen-Deiters evidenciou a presença dessas publicações e de sua importância, pois, como ela mesma ressaltou, já havia uma quantidade considerável de livros publicados. Isso não descarta a publicação de outros livros, também de autoria feminina, que tratassem das demais colônias (Camarões, Togo e África Oriental Alemã).

O esforço da autora em reunir as obras elucida a diversidade desta bibliografia, mas, evidentemente, não abarca sua totalidade. Para o presente estudo, utilizou-se o acervo da *Sophie Digital Library* por considerar que possui o levantamento mais extenso das obras cuja autoria seja de mulheres alemãs e que tenham sido publicadas durante os anos de colonialismo alemão em África<sup>10</sup>.

Os mais de 1000 arquivos que compõem a *Sophie Digital Library* foram compelidos em catorze coleções: arte, biografias e memórias, literatura colonial, drama, pré-1750, traduções em inglês, filme, jornalismo, literatura missionária, música (composições), poesia, literatura de viagem, ciência e tecnologia. Nas coleções encontram-se escritos acerca destas temáticas, ou seja, textos de autoria feminina que tinham por assunto as missões, a música, o cinema, o trabalho como atriz. Este estudo vai priorizar a coleção da *Sophie Digital Library* intitulada “literatura colonial”.

Cabe fazer alguns apontamentos a respeito da seleção realizada pelo projeto Sophie. Cerca de trinta autoras estão classificadas nesta seção, somando mais de cinquenta obras consideradas de cunho colonial. Embora categorizados desse modo, para o presente estudo faz-se necessário alguns apontamentos, pois se observou elementos discrepantes nas obras que compõem a coleção.

---

<sup>10</sup> Disponível em domínio virtual, a biblioteca reúne escritos de mulheres alemãs, produzidos entre o século XVII ao início do XX. O acervo é composto por livros, partituras, roteiros, dramas e textos literários e jornalísticos. A *Sophie Digital Library* é resultado de um projeto iniciado em 2001, por Michelle Stott James e Robert McFarland, ambos os professores associados ao departamento de estudos em língua alemã da Brigham Young University. O levantamento dessas obras é realizado desde então, através da participação de alunos de graduação e pós-graduação da universidade e também por intermédio de membros associados ao projeto. A listagem com os nomes dos acadêmicos que trabalharam no projeto conta com cerca de 150 membros que, desde 2001, auxiliaram na aquisição, catalogação, digitalização e disponibilização dos escritos que se encontram na biblioteca. Além da composição do acervo, o projeto conta com uma publicação, a *Sophie Journal*, onde são publicados ensaios e artigos acerca da escrita de mulheres alemãs. *Sophie Digital Library: A digital library of works by German-Speaking Women*. 2001. Disponível em: <<http://sophie.byu.edu/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

Um primeiro apontamento está na diferença das localidades tratadas. Nem todas as obras fazem referência às colônias em África. Algumas fazem alusão às colônias nas Américas ou demais regiões. Outro apontamento importante está relacionado às datas de publicação. Em sua maioria, elas versam entre os anos de 1890 e 1914, mas há também algumas datadas de anos seguintes (1915 em diante). É possível que estas obras tenham sido escritas durante os anos de colonialismo e apenas foram publicadas posteriormente. Há ainda obras cuja autoria é de mulheres que viveram a experiência colonial alemã, mas que foram escritas apenas décadas depois, num momento em que havia uma nostalgia colonial em voga e estimulava a produção e consumo desta literatura. Este segundo argumento aplica-se de modo mais eficaz aos livros publicados após a década de 20, quando a Primeira Guerra Mundial já havia encerrado e as esperanças dos movimentos pangermanistas foram retomadas.

Em linhas gerais, a seção intitulada “literatura colonial” da *Sophie Digital Library* é composta por obras escritas por alemãs acerca das colônias no ultramar ou da situação colonial em que estas autoras se encontravam. Como para o caso brasileiro de colônias de imigrantes e que não necessariamente foram publicadas no momento de produção ou vivência colonial. Os apontamentos realizados ajudam a elucidar estas idiossincrasias presentes entre as obras apresentadas como “literatura colonial”.

A partir do acervo da *Sophie Digital Library*, definiu-se por literatura colonial escrita por mulheres, aquelas obras que tivessem sua publicação datada no momento do colonialismo alemão em África (1884-1914) e que tivessem autoria de alemãs que viajaram para as terras africanas nesse período. Buscou-se enfatizar as obras de caráter autobiográfico, o que significou preterir os romances e demais escritos. A partir destes critérios, foram selecionadas obras que tinham fotografias sobre mulheres africanas impressas em suas páginas.

Cabe ressaltar que a escolha em privilegiar os livros publicados durante os anos de colonialismo deve-se ao objetivo de analisar as imagens que circularam no período por meio das páginas da literatura colonial escrita por alemãs. Desse modo, os livros publicados nos anos seguintes, ainda que possam ser importantes fontes para o estudo do colonialismo em África, não contemplam a discussão proposta pela presente pesquisa. A partir dos critérios apresentados, chegou-se, então, ao total de oito livros de seis autoras que foram publicados durante o colonialismo alemão e reproduziram fotografias de mulheres africanas em suas páginas. Evidentemente, ao imprimir fotografias nas páginas dos livros, o custo se elevava.

Pode-se inferir que este seja um dos motivos para que apenas algumas escritoras fizessem uso desse recurso em suas obras.

Após a análise das oito obras selecionadas para a presente pesquisa, verificou-se que no livro de Maria Karow há uma quantidade expressiva de fotografias. Enquanto nas demais obras há entre uma a três imagens em que as africanas se fazem presentes, no livro “*Wo sonst der Fuß des Kriegers trat*” (Onde mais o pé do guerreiro chegou), foram contabilizadas dezessete fotografias. Elas também se sobressaem ao analisar o conjunto publicado na obra de Karow, visto que a imagem de mulheres africanas se faz presente em trinta por cento das fotografias impressas no livro. Cabe informar que o livro é composto por cinquenta fotografias distribuídas em 255 páginas.

Ademais, ao fazer uso de modo tão intenso do recurso imagético, pode-se inferir que Maria Karow tenha produzido estas fotografias ou pelo menos algumas delas. Embora esta afirmação não esteja presente em seus escritos, não seria absurdo que na casa onde residiu durante os dois anos que esteve na colônia do Sudoeste Africano Alemão, tivesse uma câmera fotográfica.

Desse modo, será a partir das fotografias presentes no livro de Maria Karow que discutir-se-á sobre o conhecimento visual acerca das mulheres africanas na literatura colonial de autoria feminina.

### **Fotogravuras da alteridade feminina**

Em 25 de janeiro de 1905, o jornal local de Swakopmund, localizado na colônia do Sudoeste Africano Alemão, informava em suas páginas a lista de navios que haviam desembarcado no porto da cidade dias antes. A bordo do “*R.P.D Gouverneur*”, oriundo da Alemanha, seis passageiros desembarcaram no porto alemão da colônia. Entre eles, o jornal descreve: a senhora Merckel, seu filho e a senhorita Karow. Cerca de quarenta meses após esta publicação, em maio de 1908, o mesmo periódico informou que a senhorita Karow partiu na embarcação de nome “*R.P.D Prinzregent*”, cujo destino era o porto de Hamburgo.

A presença desta alemã na colônia africana poderia ter ficado retida apenas nas listagens das embarcações e do jornal local, assim como ocorreu com outros passageiros que desembarcaram no porto de Swakopmund. No entanto, esse período foi registrado por Karow por meio de anotações e fotografias. Em 1909, a partir destes recursos ela compôs seu livro,

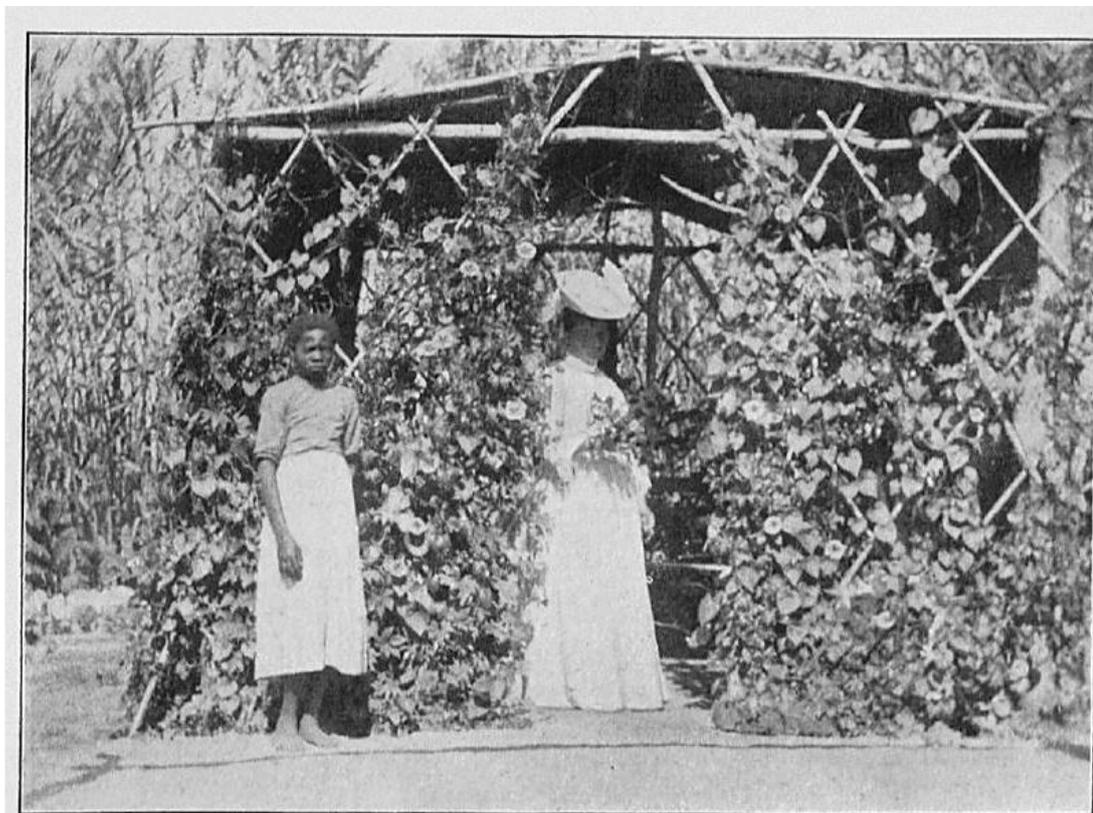
intitulado “*Wo sonst der Fuss des Kriegers trat: Farmerleben in Südwest nach dem Kriege*” (Onde mais o pé do guerreiro chegou: vida na fazenda no Sudoeste após a guerra) que foi publicado no ano seguinte em Berlim.

Este foi seu primeiro e único livro, como resultado de sua experiência colonial, Karow compartilha nas páginas alguns momentos, vivências e opiniões sobre o que viu e viveu durante os três anos em que morou em solo africano. Logo, tornar-se escritora ou publicar um livro foi resultado da experiência colonial. Pode-se inferir que a autora teve incentivo para a escrita e também apoio para a publicação.

Ao longo dos dezoito capítulos que compõem seu livro, a autora se deteve em refazer sua trajetória desde a chegada à África até sua partida. A divisão dos capítulos evidencia isto, pois já no segundo, intitulado “*Ankunft in Afrika*” (Chegada em África), ela inicia uma narrativa sobre os seus primeiros dias na colônia, a cidade portuária de Swakopmund e uma breve descrição da viagem feita até chegar à fazenda de propriedade da família Merckel. Nos demais, Karow optou por escrever acerca das suas primeiras impressões da colônia e as modificações percebidas por ela na paisagem e cotidiano. Aliás, este é o alicerce de seu livro: a sua impressão do cotidiano na colônia alemã. Um estudo que tenha por objetivo analisar a construção da memória a partir da “escrita de si” feita por Karow poderia trazer contribuições interessantes sobre a perspectiva colonial desta europeia. No entanto, a pesquisa enfatizará os modos como as africanas aparecem nas fotografias escolhidas por Karow, na construção de sua memória colonial.

Parte de suas vivências ocorreu no âmbito doméstico da fazenda em que residiu na colônia alemã, foi nesse âmbito também onde estabeleceu parte de suas relações com as mulheres consideradas “nativas”. Na fotografia a seguir, a senhora Magda Mercker, irmã de Maria Karow, posa frente à câmera com uma segunda jovem, cujo nome não foi informado.

Figura 1: Senhora Magda Mercker e jovem serviçal no jardim.



Fonte: KAROW, Maria. *Wo sonst der Fuss des Kriegers trat: Farmerleben in Südwest nach dem Kriege*. Verlegt bei Ernst Siegfried Mittler und Sohn Königliche, Berlin, 1909, p. 57.

Conforme apontado, as relações entre nativas e adventícias eram estabelecidas, em sua maioria, no âmbito doméstico. Isso não impediu que os encontros ocorressem de outro modo. Vale ressaltar que as africanas também trabalhavam nos espaços urbanos, como empregadas de hotéis e outros estabelecimentos, ainda vendiam frutas e verduras nas ruas de cidades como Luderitzbucht e Windhuk<sup>11</sup>. Contudo, foi no trabalho doméstico, seja nas casas em meio urbano ou nas fazendas mais distantes, que o convívio se deu de modo mais constante. Logo, não seria absurdo que as mulheres africanas presentes nas fotografias do livro de Karow fossem, em sua maioria, empregadas da fazenda em que ela residiu, como na imagem anterior.

Na fotografia anterior, a senhora branca compartilha o espaço da imagem com uma serviçal negra. Apesar das duas mulheres presentes na fotografia anterior estarem com seus corpos e faces voltados a quem as fotografa, há uma distância entre elas. Ou seja, ao

<sup>11</sup> PAULA, Simoni Mendes de; SCHVEITZER, Ana Carolina. Trabalho feminino nas colônias alemãs da África. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 46, n. 2, p. 75-91, jul./dez. 2015.

posar para a câmera, cada uma ocupou um local que lhe foi indicado, demarcando um espaço entre seus corpos. Além da distância corporal, outros elementos presentes reforçam as idiossincrasias que separam estas duas mulheres: a vestimenta e modo como se portaram frente à câmera.

Em relação às vestimentas, os adereços usados pela senhora Mercker se sobressaem. Além do chapéu, seu vestido tem mais detalhes nas mangas, há também uma gola e o comprimento é maior que aquele usado pela mulher que está a sua direita. Mesmo não sendo possível ver o que ela calça nos pés, certamente não está descalça como a serviçal ao seu lado. Interessante que, enquanto uma faz uso de variados recursos para se proteger do sol e, possivelmente, do calor, a outra se encontra exposta ao mesmo sol, sem nenhuma proteção além da saia e camisa que cobrem apenas parte do seu corpo.

No entanto, ao fazer uso de tantos adereços e ocupar o local ao centro, abaixo da proteção, a senhora Mercker acabou por inverter a intenção da imagem. Dito de outro modo: seus adereços e sua posição acabaram por a camuflar na imagem, especialmente devido à sombra do seu chapéu. Ao passo que a mulher à sua esquerda, com suas vestimentas simples, recebe luz direta do sol, o que contribui para ela fique mais visível que a senhora Mercker. Embora o objetivo do fotógrafo (ou fotógrafa) tenha sido ressaltar a presença da senhora branca na imagem, o resultado final foi contrário. A serviçal surge quase como o *punctum* da fotografia, que segundo Barthes seria o elemento que pulsa e foge ao controle do produtor/fotógrafo da mesma<sup>12</sup>.

Mas, se não era o objetivo do fotógrafo dar ênfase à mulher africana, cabe então questionar sua presença na imagem. Em outras fotografias presentes no livro de Karow, serviçais africanas também se fazem presentes nas imagens. Como na seguinte:

---

<sup>12</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Figura 2: O lugar favorito: jardim da Família Mercker.



Fonte: KAROW, Maria. *Wo sonst der Fuss des Kriegers trat: Farmerleben in Südwest nach dem Kriege*. Verlegt bei Ernst Siegfried Mittler und Sohn Königliche, Berlin, 1909, p. 57.

Na legenda desta fotografia (Figura 17), Karow escreveu “*mein Lieblingsplatz in Merckerschen Garten: kleine Boten bringen*“ (meu lugar favorito no jardim dos Mercken: pequeno mensageiro traz a correspondência). Novamente, a mulher que ocupa a posição central na fotografia, localizada à frente dos demais, está vestida com um longo vestido branco, repleto de detalhes na costura. Ela também faz uso de um adereço para se proteger do sol: um distinto guarda-sol rendado. Um tanto afastados, encontram-se uma criança (que Karow descreve como “pequeno mensageiro”) e uma mulher. Por mais que a autora não forneça outras informações sobre estes dois serviçais, é notável que, assim como a mulher africana da fotografia anterior (Figura 1), a que se encontra nesta também é jovem. Além disso, suas vestimentas são simples e seus pés também estão descalços. No mais, apenas há um lenço envolto em seu cabelo.

Pode-se inferir que a mulher sentada seja a própria autora do livro, devido às semelhanças entre a imagem desta mulher e o retrato de Maria Karow nas primeiras páginas

da publicação. Também a legenda, “meu lugar favorito”, sugere a sua presença. Por fim, todas as pessoas que aparecem nas fotografias de seu livro foram identificadas de algum modo nas legendas, o pequeno mensageiro e a Magda Mercker são exemplos disto. O mesmo, porém, não ocorreu com as duas africanas das imagens anteriores e para a mulher que está sentada. Talvez, a autora não tenha informado na legenda aquilo que para ela poderia estar evidente: sua presença na imagem.

As duas jovens africanas presentes nas imagens anteriores estão ausentes nas legendas e no texto do capítulo sobre o jardim também não há referência a elas. No entanto, algumas informações presentes em seu livro permitem inferir que estas mulheres são do grupo *Herero*. No capítulo em que se dedica a tratar da fazenda da família, Karow comenta sobre a região em que se encontra, em Okombahe (ao norte da colônia). Ela também faz menção aos moradores próximos, “*Herero Leute*” (“gente” *Herero*<sup>13</sup>). Importante salientar que, quando faz referência aos vizinhos em seu texto, a autora não está mencionando as comunidades próximas em que vivem os *Herero*, mas sim as propriedades de outros colonos brancos de origem alemã.

Há ainda um aspecto em relação ao período em que Karow esteve no Sudoeste Africano Alemão, que pode fornecer informações acerca das africanas presentes nas fotografias anteriores. Entre 1904 e 1908, a colônia estava em contexto de beligerância, devido à Guerra Colonial, também conhecido como Levante *Herero*<sup>14</sup>. Em sua maioria, as populações *Herero* e *Nama* foram levadas ao campo de concentração, como por exemplo o de Shark Island, próximo à baía de Luderitz, e forçadas a trabalhar. Muitos destes prisioneiros morreram devido às péssimas condições em que foram mantidos<sup>15</sup>.

Maria Karow destinou o primeiro capítulo de seu livro para tratar do que considerou os “horrores da guerra”, mas nada comenta acerca do uso de trabalho de prisioneiros. Todavia, mesmo destinando outro capítulo ao povo *Herero*, não aborda como se davam os contratos de trabalho na fazenda em que morou. Posto isto, não seria absurdo que as duas africanas presentes nas fotografias tivessem sido prisioneiras da Guerra Colonial. É

---

<sup>13</sup> Atualmente, na língua alemã o termo *Leute* pode ser traduzido por “povo”, no entanto, no início do século XX, este não era o sentido empregado ao termo. Devido à apropriação das teorias raciais do final do século XIX e do darwinismo social, o termo “povo” só foi empregado às populações africanas anos depois. Logo, seria anacrônico pensar que Maria Karow intitulou seu capítulo como “Povo Herero”.

<sup>14</sup> Sobre o genocídio do grupo *Herero* durante a Guerra Colonial Alemã (1884 – 1914) e as discussões acerca da memória e uso do termo ver: CORREA, Sílvio M. de S. *História, memória e comemorações: em torno do genocídio e do passado colonial no sudoeste africano*. São Paulo, v. 31, n. 61, p. 85-103, 2011.

<sup>15</sup> Sobre a questão do trabalho durante a Guerra Colonial ler: ERICHSEN, Casper W. *The angel of death: a study of Namibia's concentration camps and prisoners-of-war, 1904-08*. Leiden: ASC University of Leiden, 2005.

possível que, devido a esta condição do cárcere, Karow tenha omitido as identificações das duas mulheres. Assim, evitaria, de certo modo, tratar da procedência destas trabalhadoras e das questões dos prisioneiros e uso do trabalho.

As condições as quais estão dispostas nas duas fotografias evidenciam que estas duas africanas estão ali para servir às mulheres brancas presentes. Suas poses e vestes, conforme comentado, denotam e reforçam suas posições sociais na condição colonial em que viviam. No entanto, isso cabe também para as duas mulheres brancas das imagens anteriores. Suas vestes e poses também servem para acusar e reafirmar seu espaço no contexto em que se encontravam. Além de se reafirmar perante a sociedade colonial, elas reforçam suas relações com a sociedade alemã.

Igualmente como os elementos apontados, a paisagem que serviu de fundo para a fotografia ajuda a compor esta reafirmação. O jardim e a varanda das casas coloniais tornaram-se um importante espaço para a sociabilidade nas colônias. Estes locais eram compartilhados entre nativos e adventícios, no entanto, o seu uso era feito de modo distinto. Enquanto para as mulheres alemãs estes eram espaço de lazer, onde promoviam reuniões e encontros, para as africanas, eram espaços onde exerciam suas tarefas, seus trabalhos. Evidentemente, homens também faziam uso de tais locais. Porém, a apropriação do âmbito doméstico se deu de maneira mais efetiva pelas mulheres. Não apenas por interesse das mesmas, também pelo culto à domesticidade<sup>16</sup>.

Na obra de Karow, um capítulo é destinado a descrever o jardim, as mudanças ao longo dos três anos, os investimentos feitos pela família Mercker para modificar a paisagem e torná-la agradável, o seu lugar favorito. O que está presente nestas fotografias é a reprodução de elementos que constituem o saber social incorporado. Ou seja, o que o sociólogo Norbert Elias definiu como o *habitus*, a “composição social dos indivíduos”<sup>17</sup>. Para Elias, é através de modos de agir e pensar comuns que as sociedades se estruturam. Ele concebe que as subjetividades também transparecem no cunho econômico, sendo transposto no material junto com os modos de agir e pensar. Escusado lembrar que o sociólogo não faz uso do termo “subjetividade”, na verdade identifica “especificidades do indivíduo” e considera que este está em constante ligação com a sociedade em que vive. A construção de ambos, sociedade e

---

<sup>16</sup> REAGIN, Nancy R. *Sweeping the german nation: domesticity and national identity in Germany, 1870–1945*. New York: Cambridge University Press, 2007.

<sup>17</sup> ELIAS, Norbert. *Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1987. p. 150

indivíduo, se dá de forma mútua. Por isso, desconsidera a dicotomia sociedade-indivíduo e se pauta numa relação entre “eu-nós”. Pois nesta relação ambos se compõem.

Ao expor nestas imagens a paisagem natural modificada (o jardim) e a maneira como fazia o uso do tempo (o costume da leitura), Karow compartilhava com seus leitores aquilo que lhes era comum, o *habitus* alemão. Interessa neste estudo apontar a prática fotográfica como componente do saber compartilhado, como uma ação e produtora de um novo código visual. Deste modo, ao fotografar ou deixar-se ser fotografada, Karow se aproximava e reafirmava perante a sociedade alemã ao passo que também se distanciava daqueles que estão colocados ao seu redor na fotografia anterior (Figura 2). Isto foi levado em consideração, tanto no momento de composição da fotografia, ao escolher os elementos presentes na imagem, quanto na seleção daquelas que seriam impressas no seu livro.

O seu modo de ver o outro, neste caso, sobre as africanas também foi influenciado. Mesmo que sua experiência na colônia do Sudoeste Africano Alemão tenha lhe proporcionado uma aproximação e convívio com as mulheres do grupo *Herero*, Karow não estava alheia às ideias e concepções pangermanistas e coloniais do período em que viveu. Estas influências afetam de diferentes modos, entre elas, por meio dos produtos culturais que consome e pela imprensa. Na figura 2, a mulher ao fundo segura um exemplar de periódico, sugerindo que Karow estava a lê-lo, antes da chegada do correio. No letreiro inscrito na capa se pode ler “*Kolonie und Heimat*” e também o estilo gráfico da capa sugerem que este era um exemplar da revista da Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã<sup>18</sup>.

O consumo de imagens a partir da imprensa ilustrada ou de uma literatura de cunho colonial pode ter motivado as (re)produções fotográficas desta alemã. Essas influências fotográficas podem ser melhores compreendidas ao fazer uso da concepção de cultura visual. O historiador Paulo Knauss realizou copiosa revisão bibliográfica com apontamentos acerca deste termo<sup>19</sup>. Para esta pesquisa, compreende-se que os hábitos visuais e os modos de percepção são construídos socialmente, definindo assim a cultura visual. Ao fazer um levantamento de imagens que foram produzidas e circularam num determinado contexto, é possível identificar a criação de modelos de imagens ou padrões de visualidade.

---

<sup>18</sup> A revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild* (Colônia e Pátria em Palavra e Imagem) foi um importante veículo de divulgação da propaganda pangermanista durante os anos de colonialismo alemão em África. Sua publicação iniciou em setembro de 1907 e perdurou até 1914, quando tornou-se um folheto informativo da I Guerra Mundial. A revista *Kolonie und Heimat* era assinada pela *Frauebund* (Liga de Mulheres da Sociedade de Colonização Alemã) e através de textos e fotografias divulgava a vida dos colonos alemães nas colônias na África e protetorados na Ásia.

<sup>19</sup> KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura* (UFU), v. 8, p. 97-119, 2006.

Como bem destacou Paulo Knauss, o consumo de imagens não ocorre como um ato passivo. Ao se afirmar a ideia de cultura visual e mesmo a reprodução de padrões de visualidade, compartilha-se que os modos de ver são construídos socialmente. Karow também é agente neste processo, ao produzir e reproduzir fotografias das mulheres africanas. Na sua seleção de imagens, há associações àquilo que viu, percebeu e viveu. O seu modo de ver integra três dispositivos: o olhar, a percepção e a experiência.

A narrativa visual de seu livro é uma amálgama destes três elementos. Há ainda outras imagens impressas em sua obra que podem auxiliar no conhecimento visual produzido em contexto colonial. No entanto, os apontamentos feitos nas imagens acima ajudam a compreender como a alteridade está diretamente relacionada tanto com a interação com o outro e também com a construção do “eu”. Desse modo, ao produzir e reproduzir imagens sobre as mulheres africanas, Maria Karow também se “produzia”, se inseria e demarcava seu posicionamento na sociedade colonial alemã. Produzia sua “autoimagem”. Ela promoveu seu modo de ver estas mulheres, ao passo que também reforçou padrões estéticos vigentes no período. Ainda assim, isto não impediu que estas imagens colocassem em questionamento elementos do “modo de ver colonial”, por exemplo, ao iluminar a face da jovem africana na Figura 1. Há então uma inversão, não prevista ou planejada, desse “modo de ver” a situação colonial.

Cabe aos historiadores observar e compreender os diferentes sujeitos que atuaram na composição das fotografias produzidas nos anos de colonialismo, evitando enfatizar protagonismos. A presença das mulheres alemãs nas imagens é tão importante quanto a das jovens *Herero*. Afinal, o interesse está em estudar e compreender as relações entre estes grupos, a situação em que viviam e como compartilhavam espaço. Somente assim, ao se atentar para todos os sujeitos, as fotografias do contexto colonial podem contribuir como fragmentos, com seus *puncta* que permitem ao historiador entender as complexidades das relações que envolvem estas fontes. Bem como apontar aquilo que na escrita se cala, mas na imagem se evidencia.